

# A Contribuição do Nordeste à História das Idéias Políticas e Sociais no Brasil(\*)

NELSON SALDANHA

“História de Idéias”  
e Âmbitos do Pensamento Social

Enfrentamos a tarefa de fixar, ou ao menos apontar, a parte do Nordeste na elaboração dos debates e das análises que constituem historicamente o pensamento sócio-político nacional. Antes, entretanto, convém ter em conta o problema da história das idéias como trabalho específico, e o dos âmbitos ou marcos em que se podem considerar tais idéias.

Dizia Mannheim, em seu famoso e magistral estudo sobre o pensamento conservador, que ao historiador de doutrinas cabe basicamente reconhecer e estudar *estilos de pensamento* — estilos expressados e passíveis de reconhecimento como os da história da arte e da cultura em geral.

Se o pensamento possui estilos, historicamente caracterizados, ocorre que neste caso um “estilo” não é um padrão formal, um dado modelar e sim uma atitude vital inteira. Cada forma fundamental de pensamento social reflete, ou mais, integra e representa uma forma de existir e uma posição existencialmente assumida.

Por outro lado o pensamento humano, particularmente o social ou sócio-político, pode ser encarado em diferentes di-

(\*) Texto correspondente ao conteúdo de conferência feita em Campina Grande, Pb., como parte de um curso coletivo sobre problemas do Nordeste, em setembro de 1970.

mensões, conforme o âmbito a que corresponda, pela implantação de seus condicionamentos ou pela intenção de seu conteúdo. Temos assim o pensamento “universal”, que pode ser tal pelo conteúdo — uma teoria muito geral, por exemplo uma teoria do poder — ou pelo plano em que se coloca ao manifestar-se. Temos também o âmbito “nacional” do pensamento: ora nacional pelas motivações vitais que revela, e que o caracterizam, ora pela problemática que carrega, pelo assunto que conduz. Mas é também possível reconhecer âmbitos *regionais* no pensamento, regionais no sentido em que uma nação possui ou pode possuir diferentes áreas com caráter cultural distinto, e distintas motivações no trabalho intelectual.

Negar que a atividade intelectual possua condicionamentos locais, ou que o pensamento esteja ligado a marcos de espaço, seria apelar para uma generalização abstraidora e esvasiadora. Se tudo é literatura, em literatura, e se os problemas de teoria política são problemas políticos em qualquer parte, não é em toda parte que qualquer tipo de literatura se faz, nem qualquer tema político encontra desenvolvimento. O universalismo iluminista, que fechava os olhos de Goethe para as peculiaridades nacionais, foi fruto de um tempo, e, frise-se, de um padrão intelectual tipicamente europeu. Também no caso do pensamento social e político, se a “natureza” dos problemas, ou a sua essência, são os mesmos independentemente de fronteiras, são-no no sentido do denominador comum que possuem; mas as análises devem ir sempre além dos denominadores comuns. Enfim, se a nacionalidade e regionalidade fôssem meros acidentes, mera pontuação anedótica com referência a nomes e obras, não se precisaria saber de Unamuno que era espanhol, nem adiantaria saber que Tolstoi via as campanhas napoleônicas sob prisma eslavo.

O que se quer, ao indagar das circunstâncias regionais que tingem o trabalho dos teorizadores políticos num país como o nosso, não é *reduzir* o sentido dêste trabalho ao pêso daquelas circunstâncias, e sim verificar o sumo existencial vivido e expressado por tais teorizadores, na medida em que sentiram de determinada maneira a sua circunstância. No caso do Nordes-

te, cremos que há efetivamente algo a registrar, sobretudo em certas fases e em certos movimentos de idéias (será que não existem “movimentos de idéias?”), como contribuição regional aos debates nacionais. Sobretudo se, falando em idéias e em movimentos de idéias, ligamos a expressão à problemática dos movimentos sociais e da ação social propriamente dita.

No Brasil, todos sabem que têm havido variantes na adoção de certas tendências intelectuais ou ideológicas, ou no diferente tratamento delas. O positivismo, que dominou as mentes na parte sul do país nas últimas décadas do século XIX, dando traços peculiares à criação das instituições republicanas, não teve *tanto* realce no norte nem no Nordeste. No extremo sul, o positivismo castilhistas assumiu tons que o positivismo de um Alberto Sales, em São Paulo, não conheceu. É natural, num país amplo e dividido (dividido administrativa e etnicamente), que as manifestações intelectuais, mesmo as maiores e mais exemplares, mostram condicionamentos locais e estejam prêsas a feitiços provinciais. O “espírito de província” tem de apresentar-se diferenciado, e êste espírito tem tido seus oportunos defensores entre nós: ultimamente um dos mais recentes, o professor Nilo Pereira, em livro intitulado precisamente *Espírito de Província*, evocava a defesa do provincialismo feita há cem anos por Tobias Barreto.

Também há pouco tempo o professor José Antônio Gonçalves de Mello, em seu ensaio “Por uma História do Império vista do Nordeste” (*Estudos Universitários*, Recife, março de 1966), lembrava a secular marginalização do Nordeste, seguindo em seu balanço uma frase epigráfica de Tavares Bastos. José Honório Rodrigues, por sua vez, prefaciando a 4ª edição de um de seus mais importantes livros, *Aspirações Nacionais*, mencionou o menosprêzo de certos grupos dominantes no Brasil de hoje pelo Nordeste, advertindo, em troca, que ao longo de nossa história os predomínios regionais têm variado. Não somos, nem temos sido, uma federação bastante igualitária no que tange às relações internas.

*Gênese do  
Pensamento Político Nacional*

Mas, não se trata de arrolar queixas nem denúncias. O importante será compreender o papel que o Nordeste, como região, tem desempenhado no penoso esforço de pensar a realidade social e política do país.

Esse esforço pode ter seus estágios iniciais situados em determinados momentos da vida colonial. Com alguma boa vontade, é possível ver na literatura colonial algumas expressões relevantes como manifestações ideológicas. Naquela fase, a diferenciação regional era marcante, pois as comunicações eram precárias e a unidade nacional coexistia com a diversidade local das experiências colonizadoras. No século XVIII, os ecos do iluminismo europeu e do liberalismo político dão alguns frutos importantes, que estão nos levantes da época, sobretudo as revoluções mineira e baiana. Se incluirmos a Bahia no âmbito do que se chama Nordeste, teremos aliás um importante expoente do pensamento da colônia em Vilhena, cujas famosas *Cartas* são um extraordinário repositório de crítica econômica, política e social, em grande medida pioneira. Da Bahia também, na transição para o século XIX, foi o bispo Azeredo Coutinho, figura bastante complexa e expressiva, avançado pela metodologia empirista que advogava, mas radical conservador nas idéias políticas e sociais.

No fim do século XVIII, portanto, havia já nos Estados nordestinos uma elite intelectual informada nos debates europeus e tendente a reivindicar para o Brasil — ou para a região, ou ainda para determinado Estado — condições renovadas. No início do século XIX, o sopro estimulante do romantismo traria um fermento novo para as pretensões nacionais, e novas experiências, em outras partes do mundo, serviam de emulação e exemplo para nossos patriotas. Essa ebulição se acende então de modo muito especial, no Nordeste.

*Revolução  
de 1817*

O problema da *mentalidade* colonial brasileira, particularmente em seu plano político e em sua dimensão nordestina, deve ser estudado com as devidas cautelas. A respeito de determinados movimentos, por exemplo, não se lhes deve atribuir intenções que não podiam ainda ter tido, nem por outro lado negar-lhes certo sentido só porque nem sempre as explicitações foram suficientes. Isto se aplica ao debate em torno do caráter “social” de rebeliões como a bahiana de 1798 ou a pernambucana de 1817.

Tais rebeliões se acham historicamente num contexto especial, tendo eclodido numa sociedade escravocrata (e não capitalista), socialmente hierarquizada e para-feudal, embora a miscigenação fôsse um fato generalizado, e a unidade nacional começasse a cimentar-se.

Na revolução de 1817, os elementos habituais dos levantes anteriores se achavam presentes: insatisfação, conflitos de classe, veleidades republicanas. Agora, porém, o elemento maçônico atuou de forma bem acentuada, e a geração revolucionária já não era puramente iluminista, mas sim marcada por um incipiente romantismo. A extorsão tributária, provocando o arrepio dos interesses financeiros locais, não contrariava apenas estes interesses: encontrava também pretensões intelectuais bastantes caracterizadas. Os próprios insurrectos, no “Preciso” redigido por José Luiz de Mendonça, denominavam otimisticamente seu levante de “faustíssima e gloriosíssima revolução”. Ideologicamente, as concessões à massa popular eram tímidas. Alimentava o movimento um credo liberal de tipo clássico com sintomático respeito pela propriedade fundiária e um vago (embora sincero) apêgo ao conceito de república. Entretanto, aquela insurreição, de que o francês Tollenare foi testemunha involuntária e interessante, foi, sem dúvida, o mais importante sucesso revolucionário das primeiras décadas do século, prenunciando e precipitando os acontecimentos da Independência e os levantes que na fase regencial ocorriam.

*Fase Monárquica:  
Revoluções e Críticas*

Quando se deu a Independência, Pernambuco já assumira uma posição de realce no cenário da ação política nacional, e no das letras também. Esse realce corresponde a uma série de lutas e agitações.

Devemos aludir desde logo à Confederação do Equador, doutrinariamente dominada pelos escritos de Frei Caneca, ao mesmo tempo candentes e seguros, onde a clareza do pensador acompanhava a bravura racional do liberalista impenitente. Com a Confederação, contemporânea da outorga da carta imperial, o Nordeste capitaneou inquestionavelmente a consciência nacional. O repúdio à constituição, expressado por Frei Caneca em termos jurídicos incontestáveis, era ao mesmo tempo um gesto político de profunda validade. Com justiça, José Honório Rodrigues chamou Frei Caneca "principal representante do liberalismo radical no Brasil", e Luiz Delgado caracterizou, naquêlê frade extraordinário, uma "inteligência desassombrada".

Com a Confederação do Equador, desatava-se (o verbo é de Euclides da Cunha) a série de rebeliões que agitaram a vida do Império. Com a Praieira, temos um dos pontos mais relevantes dessa série. Estourando contra manobras conservadoras, carregava a Praieira, por trás dessas motivações políticas formais e partidárias, um fundo de tendências sociais inequívocas. Dentro de seu trabalho, realça-se marcadamente o papel da Imprensa, já então uma presença digna de nota na pregação de idéias e no proselitismo polêmico. Essencialmente nordestino pelo quadro de implicações sociais e mesmo sócio-econômicas sobre que assentava, o movimento praieiro envolveu figuras imperecíveis da história do pensamento social brasileiro. Figuras que somente a ambiência local de então teria comportado, uma ambiência já carregadamente romântica e feita do conflito entre as dominações oligárquicas e os desejos liberais e sociais de certos círculos. Destas figuras, umas pertencem realmente ao movimento como Abreu e Lima e Borges da Fonsêca; outros

estão em sua periferia, como Antônio Pedro de Figueirêdo, o famoso discípulo e tradutor de Cousin, chamado porisso o "Cousin Fusco".

A diversidade de atitudes pessoais entre os praieiros, não suficientemente identificados no tocante aos programas e às reformas, não impede de considerar socialista o movimento. Com êle, o Nordeste se antecipou notavelmente em matéria de crítica social e de esforço igualitariamente. Os praieiros propugnavam pelo voto livre e universal, pela liberdade de imprensa e de trabalho. Edison Carneiro, em seu livro sobre a revolução da Praia, considera-a "a mais importante das agitações do Império pelo seu conteúdo político-ideológico".

Ligados ao levante praieiro tivemos então, como ficou dito, alguns nomes de extrema relevância em nossa história ideológica, como representantes do nosso *socialismo* romântico. Os três nomes principais são portadores de inclinações bem distintas: Antônio Pedro de Figueirêdo foi eclético e humanitarista, figurando sobretudo como teórico; Abreu e Lima, a um tempo soldado ativo e publicista político, foi historiador e doutrinador, a seu modo confuso e providencialista; Borges da Fonsêca, muito mais agitador e líder popular do que escritor. O socialismo de Antônio Pedro de Figueirêdo era calcado nos utopistas franceses, mais ou menos como ocorrera poucos anos antes na Argentina, com Esteban Echeverría. Redigindo o "Progresso", Figueirêdo concebia o advento do socialismo como um processo histórico inelutável, em que a eliminação da miséria das massas seria resultado de uma crescente consciência social. Abreu e Lima, descrevendo também êsse processo como um indesejável destino da humanidade, usava em seu livro principal uma linguagem desaforada e insultuosa aos autores de quem divergia, numa série de explanações quase sempre confusas e vagas. Borges da Fonsêca, que pouco escreveu e o fêz sempre jornalista, enfatizou a idéia do *povo* como suporte da democracia.

Naqueles tempos, o *jornalismo* político teve no Brasil um intenso fastígio. No Nordeste, o calor das lutas sociais e políticas ensejou o aparecimento de uma imprensa crítica perma-

nentemente em guarda. Uma pletera de pequenos, bravos e efêmeros periódicos enche aquêles anos de enorme significação como escola de democracia e de debate. Dos grandes nomes, convém destacar o maranhense João Francisco Lisboa, lúcido e insubstituível analista das mazelas eleitorais de seu Estado, então nos seus grandes dias aliás, e que eram, por extensão, as da região e do país todo. Foi também pela imprensa que a eterna inquietação nordestina deu formulações insistentes ao nacionalismo brasileiro, quer denunciando os monopólios comerciais portugueses, quer preconizando, mais genêricamente, que a independência política de 1822 se desdobrasse, verticalmente, em emancipação completa do país. Um pequeno jornal pernambucano de 1853, chamado "O brado da Miséria", pedia precisamente isto: a nacionalização do comércio a retalho e da indústria manufatureira. O mesmo se daria com outro jornal nosso de 1854, "O brado do Povo", e com vários outros periódicos da época.

#### *Histo- riadores e Polemistas*

Na fase imperial, grande parte dos Estados do Brasil se dotou de Institutos Históricos, destinados a recolher e perenizar os zelos dos pesquisadores regionais. Em alguns casos, porém, o zêlo historiográfico se metamorfoseava em combatividade e partidarismo, o que era perfeitamente compreensível.

Exemplifica esta espécie o alagoano Mélo Moraes, historiador desabusado, inimigo impetuoso dos portugueses e partidário de um nacionalismo mal definido, mas expressivo e válido. Seus livros, superficiais sob certo aspecto, valem exemplarmente pelo denôdo das frases e pelo tom sincero que tinham.

— Outra figura típica de polemista tivemos-la no Padre Lopes Gama — sobretudo satirizador de costumes —, figura ideologicamente eclética, embora felizmente não tão reacionária como o Vigário Barrêto. No Recife de entre 1820 e 1830, o chamado Padre Carapuceiro exerceu com muita verve a sátira e a crítica, através de jornais. Mais amarga, por sua vez, a po-

lêmica de Afonso de Albuquerque Mélo chega a ser violenta e rude; seu livro "A liberdade no Brasil — seu nascimento, vida, morte e sepultura", publicado no Recife em 1864, defendia ferozmente a liberdade e denunciava um mundo de culpados pelo mau estado de coisas do país.

Poderíamos ainda incluir Tobias Barrêto entre os polemistas, que o foi frequentemente e com eficácia. Um polemista perigoso e erudito, com uma tremenda capacidade de trabalho intelectual e uma enorme versatilidade, sabendo alemão, exibindo conhecimentos enciclopédicos e possuindo uma impressionante facilidade de impressionar os jovens e criar adeptos.

#### *Pensadores Sociais Nordestinos*

Foi Tobias Barrêto, entretanto, muito mais que um polemista. Suas zombarias, incluindo as que fazia ao Imperador, foram traços ocasionais ou idiossincráticos. Substancial em sua extraordinária e variada obra parece-nos ter sido o respeito ao povo e a consciência que tinha dos problemas nacionais. Foi sempre um liberal, nunca se convenceu do socialismo; omitiu-se estranhamente quanto ao problema dos escravos, e jamais converteu-se à república. Tudo isso entretanto parece ter provindo de ranços subjetivos que revelava nas atitudes ideológicas como nas pessoais, teimosias e reservas de homem sofrido e manhoso.

Com outro estilo, o alagoano Tavares Bastos representou o pensamento sistemático, coisa que Tobias Barrêto não foi propriamente. José Honório Rodrigues, em seu recente discurso de posse na Academia Brasileira de Letras, declara Tavares Bastos o maior pensador social que tivemos, possível exagêro, desculpável porém: foi um estudioso de rara penetração, com projetos de rara lucidez. Foi dos primeiros que clamaram por descentralização, e dos primeiros que colocaram seriamente o problema da Amazônia.

Nesta categoria de "sistemáticos", poderíamos incluir Nabuco, entranhadamente pernambucano sem deixar de ter sido

homem "universal". Conservador de certa forma, mas por outro lado francamente liberal, escritor magnífico, Nabuco viu o Brasil com uma ponderável dose de sensatez. E com êle chega a transição para a República, fase difícil e complexa da vida cultural do país, e cheia de consequências para a problemática social de nossa região.

Pernambuco tinha sido palco de profunda agitação durante duas campanhas marcantes: a da abolição e a da república. Ambos os movimentos tinham tido, entre nós, vastos reflexos e poderosas contribuições. Outra agitação memorável que tivemos fôra a chamada Questão Religiosa, que tão fundas cicatrizes deixou.

Não gostaria de completar a alusão a essa época sem mencionar Oliveira Lima, com sua lucidez enorme. Se, no dizer de Nilo Pereira, sua obra de historiador bastaria para lhe assegurar a imortalidade, suas advertências a respeito do panamericanismo lhe deveriam valer a gratidão de todo o Brasil. Neste ponto, sua atitude contrasta com a equivocada adesão de Artur Orlando e com as ilusões de Nabuco, sendo comparável à posição que, no sul e em outros têrmos, tomara Eduardo Prado.

### *A Revolução de 1930 e suas Adjacências*

Em tôrno do ano de 1930, o pensamento social e político brasileiro entra de nôvo em ebulição. A filosofia do cearense Faria Brito, tomada como facho por certas facções da direita, inspirava direta ou indiretamente pronunciamentos e teorias. A crise mundial de 1929 nos afetou. O movimento socialista brasileiro, gerado no início da década dos vinte, respondia como podia. O integralismo, bebendo fôrças nos modelos europeus, deu no Nordeste uma série de frutos, produzindo uma vasta seara de oradores e jornalistas que, como *intelligentsia*, como grupo intelectual, merece um reestudo sério e compreensivo. Quando o "Estado Nôvo" se instalou no país, os baluartes socialistas sofreram sério abalo, mas na retomada do caminho democrático, em 1945 e 1946, a intensidade dos debates

nos Estados da região foi algo efetivamente digno de nota. Tinha o Nordeste uma realidade social problemática e agônica, que os retratos literários surgidos na obra de um José Lins ou de um Graciliano ajudavam a ter em mira. Tinha uma experiência de luta e uma tradição de cultura, historicamente maturadas.

Foi o tempo, refiro-me à década de quarenta, em que as Universidades se multiplicaram no país, e isto trouxe, sem dúvida, nova dimensão para o interêsse pelos estudos sociais e políticos, já que a abertura de cursos convidava a juventude a vir perguntar pelas coisas. Com os reexames, por mais acadêmicos que quisessem ser, teriam de surgir debates e reivindicações, debates ainda hoje inconclusos e reivindicações ainda hoje latentes.

Na transição para os anos sessenta, e implantação da Sudente corresponderia ao movimento desenvolvimentista, e tôda uma problemática regional se ofertava à discussão. Em 1962, a questão do parlamentarismo, embora sem deixar maiores sulcos doutrinários, sacudiu a consciência nacional.

Para o Nordeste, os problemas nacionais que desde então vêm tendo mais sentido são os ligados ao desenvolvimento e à justiça social. Sendo agora o desenvolvimento um feito, um programa, pergunta-se que estruturas políticas devem acompanhá-lo, e qual o estatuto do homem — ou da terra — que melhor convém aos ideais novos. É portanto certo que o problema da terra e o do nacionalismo continuam sendo agudos para o nordestino. Estas notas locais são um colorido específico que não desmentem a unidade dos problemas nacionais. Esta unidade mesma, porém, é ainda algo a desejar, pois que o equilíbrio entre as regiões é coisa que não existe na realidade, e o nordestino luta além de tudo contra os desajustes que dão a outras regiões um chocante predomínio econômico e político. Por isso mesmo, se pretende uma colocação diferenciada dos problemas nacionais. Sem nossas questões regionais, pouco serão as divagações doutrinárias que se façam em tôrno das coisas do país. Pouco serão as cogitações de futuro. O Nordeste, em con-

sonância com o resto da nação, atravessa tempos de esforço e expectativa. Seja dado que possamos praticar, estimavelmente, aquilo que José Honório Rodrigues denominou "a aventura da convivência e da compreensão". Ou seja, a abertura para um trabalho integrado e democrático, nutrido pelo senso dos valores humanos.

## Dois Poemas

CÉSAR LEAL

### VOZES DO SIROCO

O siroco o mistral a chuva a rosa  
o plano o lago a rocha a planta o pó  
a pirâmide o mar a concha o peixe  
as colinas do Sol

o vaso o vago a brisa a tarde a noite  
o dia o sentimento o vale o monte  
a camada das formas e das côres  
o céu o sol a ponte

o leite a luva o êrro a gota de água  
a pétala o pó o pelotão  
a meia o vagalume e a fogueira  
as lanças do tufão

o exército da vida todo acêso  
o virus o termômetro o remédio  
o candeeiro a brasa a febre a sêde  
a solidão o tédio

o campo a sementeira o vento o sol  
a sementeira e novamente o campo  
o verde das campinas as abelhas  
a curva do horizonte

a faca o corte a dor o sangue a dor  
o rim o grito a fala o coração  
a linha o carrossel a nuvem o ar  
as chamas do verão